



DOCÊNCIA ONLINE EM TEMPOS DE MOBILIDADE E UBIQUIDADE: O QUE DIZEM OS DOCENTES?

Cláudia Valéria Nobre Leyendecker¹

Bento Duarte Silva²

¹Doutoranda do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga - Portugal)
claudiavalerian@yahoo.com.br

² Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga – Portugal), bento@ie.uminho.pt

Resumo

Vivemos em época de hiperconexão, de proliferação dos espaços híbridos, do crescimento de cursos online. Hoje é comum nos depararmos com pessoas nas ruas acessando a WEB a partir dos seus dispositivos móveis, seja para tratar de assuntos pessoais ou profissionais. É chegada à era da ubiquidade, que tanto nos envolve e nos motiva a entender todo o seu potencial para a Educação Online. Visando compreender melhor esse cenário foi realizada uma pesquisa com docentes online que atuam na pós-graduação de uma universidade pública brasileira. O estudo buscou analisar como estes docentes utilizam em suas práticas curriculares os artefatos tecnológicos próprios da era da ubiquidade. Os resultados indicam que os docentes percebem o grande potencial na utilização das redes de conexão ubíqua no contexto da Educação Online, uma vez que estas podem favorecer o processo ensino/aprendizagem em contextos virtuais. Todavia, observamos que esse campo ainda precisa avançar, sendo necessária a realização de novas pesquisas na área.

Palavras-chave: Cibercultura, Docência Online, Mobilidade, Redes de Conexão Ubíquas.

Abstract

We live in times of hyperconnection, proliferation of hybrid spaces and growth of online courses. It is common to see people on the street going online by using their mobile devices in order to deal with personal or professional issues. This is an era of ubiquity, which surrounds us and motivates us to understand all of its potential for Online Education. Aiming a better understanding of this scenario, this research was designed with online professors who work in a postgraduate course of a Brazilian public university. The study analyzed how these teachers use in their curricular practices the technological artifacts of the era of ubiquity. The results obtained indicate that the professors realized the great potential in the use of the connection networks for Online Education, since they can help in the teaching/ learning process in virtual contexts. However, it was observed that this field still needs to be advanced, and it is necessary to carry out new research in the area.

Keywords: Cyberculture, Online Education, Mobility, ubiquitous connection networks.

1 INTRODUÇÃO

Hoje estamos em pleno período digital, onde grande parte da sociedade se baseia nos rápidos e velozes acessos à Internet, nas comunicações instantâneas, nas pesquisas e nos compartilhamentos próprios das redes sociais, etc. É a chamada Cibercultura (Lévy, 1997), que hoje, mais do que ontem e menos que amanhã, vem ditando às pessoas novas maneiras de agir e de se portar no mundo em conexão, impulsionando a educação a urgência de rever as suas práticas e se adequar a este desafiador cenário que emerge.

O digital em rede traz em seu bojo uma expressividade tamanha que permite uma gama de escolhas a serem feitas pelos sujeitos em suas itinerâncias no mundo real e digital, possibilitando, com isso,



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Criulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

que haja interação, manipulação e registro de informações, no momento exato que os fatos ocorrem. Tudo começa a se integrar, a dialogar com todos, tudo pode ser divulgado e acessado em alguma mídia.

O panorama acima deu origem à expansão das redes sociais, permitindo aos usuários o compartilhamento público de seus interesses, intenções, desejos, relações, entre outras partilhas. Esse crescimento foi bastante favorecido com a sofisticação dos dispositivos móveis, uma vez que estes possibilitaram às pessoas o acesso às redes a qualquer momento e em qualquer lugar e, como consequência, os usuários podem explorar o potencial da comunicação ubíqua ao mesmo tempo em que usufruem da onipresença virtual.

Neste cenário tão multifacetado que estamos imersos são impostas novas exigências educacionais aos educadores, de forma geral, e em particular para os docentes que atuam na Educação Online (EOL), pois é cada vez mais urgente a reconstrução de sua prática pedagógica de forma a contemplar as mudanças paradigmática que estamos presenciando. Afinal, nos tempos contemporâneos é necessário que os professores incorporem atitudes que vão além do mero processo de transmitir conteúdos aos seus alunos, mas que tenham práticas docentes que estejam baseadas no compromisso com a construção coletiva do conhecimento, que valorize as ideias dos educandos e que os vejam com protagonistas no processo ensino/aprendizagem.

Todo esse panorama cibercultural foi o grande responsável, no Brasil, pelo crescimento de cursos online, sejam eles voltados para a graduação, pós-graduação ou extensão. Segundo dados do Ministério da Educação e Cultura (MEC) no ano de 2003 havia cerca de 49.000 (quarenta e nove mil) alunos matriculados em cursos de graduação oferecidos a distância, sendo que no ano de 2013 esse número ultrapassou a marca de 1 (um) milhão de alunos que cursavam uma graduação online, representando um aumento expressivo da oferta e procura por cursos superiores baseados na Internet.

O crescimento exponencial de cursos online e o contexto da cibercultura foram os motivadores para o presente estudo, que buscou analisar como docentes online utilizam em suas práticas curriculares os artefatos tecnológicos próprios da era da ubiquidade. Para responder a essa e outras inquietações foi necessário realizar um pequeno levantamento, a partir do envio de um questionário digital, para os docentes online que atuam como orientadores de Trabalho de Final de Curso (TFC) em um curso de especialização que se destina a formação de profissionais para atuação no campo da Educação a Distância (EAD) de uma universidade pública brasileira.

2 DO MUNDO CONECTADO AO APRENDIZADO SEM FRONTEIRAS

A internet desde o seu surgimento, a partir da iniciativa de Tim Berners Lee, em 1989, até os dias atuais vem alterando de forma significativa toda a estrutura da sociedade, das relações pessoais e profissionais, das formas de aprender e ensinar e tem criado novas ecologias comunicacionais (Silva, 2001). Todas essas mudanças derivadas do imaginário de Berners Lee proporcionou uma verdadeira revolução e nos levou ao que hoje chamamos de Cibercultura ou Sociedade em Rede (LEVY, 1999; CASTELLS, 2002). A cibercultura, para Levy (1999), é considerada como o "conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço." (LÉVY, 1999, p.17).

Desde o seu advento, até hoje, a Internet tem passado por vários estágios e deixado importantes indícios de como os usuários navegam e se relacionam no ciberespaço. Na web 1.0, por exemplo, a lógica baseada no caráter "inovador" do CRT+C e CRT+V imperava. Na web 2.0, a também chamada Web Social (O'REILLY, 2005), teve lugar o protagonismo dos usuários e a produção, o compartilhamento, a co-criação e as redes de conversação cresceram exponencialmente. Nos dias atuais, estamos sobre a batuta da Web 3.0, também conhecida como a Web Semântica (SPIVACK, 2007) e nos encontramos a poucos passos da nova geração da Internet, que tem se anunciado como a Web 4.0 ou a Web Ubíqua.

Devido aos seus atributos, a cibercultura é o espaço apropriado para as relações sem fronteiras, onde compartilhamento dos múltiplos saberes dá o tom, segundo Lévy (1991):



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UnICV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LEVY, 1999, p. 130).

Nessa mesma vertente de pensamento, Castells (2002) entende que o avanço das tecnologias digitais favoreceu o panorama sociotécnico e que, com a expansão das redes sociais e com as múltiplas conexões permitidas pelo ciberespaço promovem a abertura para um universo ainda pouco explorado, as redes de conexão ubíqua. Conforme aponta Santos “em sua fase atual a cibercultura vem se caracterizando pela emergência de mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades.” (SANTOS, 2013, p. 27). Maria das Graças Silva (2013), por sua vez, afirma que a mobilidade

tem diversas características: a tecnológica, que permite a utilização de um dispositivo em diferentes localidades, e a do conteúdo, que diz respeito ao acesso à informação, ao lugar onde ela pode ser produzida, não importando o fato em si, mas a capacidade de ser distribuída, compartilhada e acessada por um ou muitos (SILVA, 2013, p.126).

Antes de prosseguirmos é relevante clarificar o conceito de dispositivos móveis, pois se trata de uma conceituação importante para a temática que estamos tratando. Segundo a UNESCO os dispositivos móveis

são digitais, facilmente portáteis, de propriedade e controle de um indivíduo e não de uma instituição, com capacidade de acesso à internet e aspectos multimídia, e podem facilitar um grande número de tarefas, particularmente aquelas relacionadas à comunicação. (UNESCO, 2014, p. 8)

A Professora Lúcia Santaella (2013) também conceitua dispositivos móveis de forma bastante semelhante daquela usada pela UNESCO. Para ela

os dispositivos moveis não podem ser limitados aos smartphones, mas a qualquer equipamento ou periférico que pode ser transportado com informação acessível em qualquer lugar é um aparelho movel. Portanto, palms, lap-tops, lpads, Tablets e até mesmo pen-drives são aparelhos móveis. (SANTAELLA, 2013, p. 237)

A partir do uso crescente dos dispositivos móveis conectados surge um novo e importante conceito, o “espaço híbrido” (SILVA, 2013). Esses espaços são considerados híbridos devido à frequente movimentação de pessoas, que estão sempre usando seus dispositivos móveis conectados à internet e a outros usuários. Os espaços híbridos conectam o mundo físico ao ciberespaço e “tomam forma quando não se precisa mais sair do mundo físico e entrar no mundo digital” (SILVA, 2013, p.128). Os espaços híbridos não se tornariam reais sem a existência dos dispositivos móveis, pois foram estes que possibilitaram às pessoas a liberação de um desktop fixo, estático restrito a uma sala, a uma biblioteca, a um ambiente fechado, permitindo, assim que esse fluxo contínuo de tantas pessoas conectadas no mundo digital, mas que permanecem ativas no mundo real.

A pujança das redes sociais ocorreu, principalmente, a partir do surgimento e utilização dos dispositivos móveis. Estes equipamentos, como já dito, liberaram os usuários da necessidade de estar “preso” ao um computador fixo para se conectar a internet e navegar nas diversas redes sociais, pois com esse incremento os usuários podem compartilhar, comentar, pesquisar, socializar a partir dos seus dispositivos móveis em qualquer lugar que estejam e na hora que desejarem. E é isso que temos vivenciado, mais cotidianamente, nos diversos espaços que frequentamos, não sendo raras as vezes que nos transportes públicos, nos restaurantes, nos parques, entre outros lugares, nos depararmos com pessoas conectadas na web, ora para diversão, ora para tratar de assuntos profissionais ou pessoais enquanto se locomovem de um lugar a outro, experienciando plenamente todo potencial que os espaços híbridos oferecem.

As imagens que vemos hoje rotineiramente nas ruas das cidades, nos parques, nos shoppings não seriam possíveis de imaginar décadas atrás, nas quais a internet ainda engatinhava e os dispositivos



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

móveis, custavam uma pequena fortuna e limitavam-se a comunicação oral, conforme aponta Santaella (2013). Para essa autora, os telemóveis hoje possuem variadas utilidades e não se restringem apenas à comunicação oral, seduzindo e fascinando cada vez mais as pessoas que os utilizam. Vejamos o que aponta a autora:

Não são mais simplesmente dispositivos que permitem a comunicação oral, mas, sim, um sistema de comunicação multimodal, multimídia e portátil, um sistema de comunicação ubíqua. (SANTAELLA, 2013, p. 224)

As redes de conexão ubíquas permitem que hoje possamos estar sempre presente em qualquer tempo e lugar, ou seja, mesmo que geograficamente dispersos é possível que estejamos virtualmente próximos. Neste sentido, a ubiquidade, como já ponderado, é a principal expectativa para a próxima etapa da web, a Web 4.0, também chamada de Web Ubíqua. A Web 4.0 será a nova geração da Internet a se consolidar daqui a alguns anos, mas que, de uma forma ou de outra, já a estamos vivenciando de maneira bastante intensa.

Diante de todo esse avanço tecnológico, vem tomando assento uma modalidade diferenciada de aprendizagem e que surge a partir do uso dos dispositivos móveis. É a chamada Aprendizagem Ubíqua que pode ser categorizada como a que está acessível aos sujeitos, a qualquer tempo, em qualquer lugar, sempre que a curiosidade bater-lhes à porta.

A medida em que a evolução tecnológica foi se tornando mais personalizada, centrada no usuário, móvel, em rede, ubíqua e durável, a aprendizagem foi se tornando igualmente mais individualizada, centrada no aprendiz, situada, colaborativa e ubíqua. Por permitir um tipo de aprendizado aberto, individual ou grupal, que pode ser obtido em quaisquer circunstâncias, a era da mobilidade inaugurou esse fenômeno inteiramente novo: a aprendizagem ubíqua. (SANTAELLA, 2013, p. 238)

A aprendizagem ubíqua tem se intensificado a partir do uso dos dispositivos móveis, pois estes equipamentos permitem que a conectividade seja individualizada e personalizada. Hoje em dia, com a imersão conectiva possibilitada pela cibercultura, o conhecimento e a aprendizagem estão acessíveis a qualquer tempo e espaço. Portanto, a apenas alguns toques dos dedos, é possível ter acesso a diversas informações ou ainda solicitar ajuda às pessoas que estão geograficamente distantes, mas tão próximos virtualmente. Para Santaella (2013) a aprendizagem ubíqua não deve ser confundida com nenhuma outra forma de aprendizagem conhecida atualmente, não podendo ser categorizada como educação formal ou informal ou como substituta de alguma delas. Ao contrário, ela pode complementar qualitativamente a educação formal, beneficiando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Embora se aproxime bastante do que chamamos de *m-learning*, ou seja, aprendizagem móvel cabe destacar que esse conceito não deve ser confundido com o conceito de aprendizagem ubíqua. Segundo Traxler (2010), o *m-learning* configura-se como uma educação mais flexível, mais personalizada, espontânea, localizada, entre outros aspectos, associada, entretanto, aos processos de educação formal. Nesse modelo, a qualquer hora e em quaisquer espaços (físicos e virtuais) os alunos podem co-criar, interagir com outras pessoas, buscar informações, socializar suas conquistas, de forma individual e/ou coletiva, transformando seus achados em uma aprendizagem significativa. Todavia, é importante considerar os contributos de Silva (2013) para essa discussão, haja vista que, segundo ela

M-learning não se refere unicamente ao acesso a conteúdos “a qualquer hora” e “em qualquer local” e em deslocamento por alunos e professores, como o acesso a materiais digitais educacionais, informações, notícias, mas envolve também interação, colaboração, aulas online, pesquisas, publicações etc., distribuídas nas redes, nos ambientes educacionais em formatos e mídias diversos. (SILVA, 2013, p.130).

Os dispositivos móveis permitem que alunos e docentes estejam conectados em qualquer lugar e a qualquer momento, diminuindo e tornando, portanto, “fluidas as fronteiras de comunicação entre escola, residência e trabalho, uma interferindo, influenciando e se imbricando na outra” (SILVA, 2013, p.131).



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

Em sintonia com tudo que estamos vivenciando nas últimas décadas, Belloni (2003) acredita ser a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) um dos motores de propulsão para melhorar a qualidade e garantir a expansão da EOL. A utilização das TDIC é imprescindível no impulso dado para a criação de cursos online que desejem uma atitude menos passiva por parte de seus alunos, pois essa utilização vem proporcionando aos participantes (docentes e alunos) a busca constante pela ressignificação dos atos de aprender e ensinar, além do estímulo às interações sociais, principalmente em tempos de redes sociais e mobilidade.

As TDIC estão presentes em tantas atividades do nosso cotidiano que “começam a influenciar nosso modo de agir e pensar. Elas passam a ser estruturantes de nosso pensamento” (Valente, 2013, p.40). Santaella (2013) concorda com Valente e sinaliza que estas transformações são as responsáveis por mudanças significativas nas formas de ver o mundo e de se portar nele, trazendo com isso novas habilidades e incrementando outras formas de ensino e aprendizagem. Cabe frisar que, segundo a autora, as tecnologias da linguagem possuem especial “importância na produção de mudanças neurológicas e sensoriais que afetam significativamente nossas percepções e ações.” (SANTAELLA, 2013, p. 232). Com um pensamento bastante semelhante, Silva (2001) sinaliza que

As TIC não são apenas meros instrumentos que possibilitam a emissão/recepção deste ou daquele conteúdo informativo, mas contribuem fortemente para condicionar as estruturas - a ecologia das sociedades” (Silva, 2001, p.839).

Para Valente (2013), as TDIC também possibilitam que os aprendizes demonstrem o seu conhecimento, usando canais diversos para isto. Segundo ele, as TDIC

não são ferramentas destinadas principalmente aos professores, mas sim ferramentas do aluno; não são ferramentas para apoiar a transmissão do conhecimento, mas sim ferramentas que permitem e implicam a participação ativa, por cada um, na construção do seu próprio conhecimento. (VALENTE, 2013, p.39).

Segundo Valente (2013) a integração das TDIC, sob uma perspectiva construtivista deve considerar que a “presença dos educadores nos ambientes de aprendizagem baseados nas tecnologias é fundamental. As TDIC por si só e mesmo a constituição de redes sociais ainda não são suficientes para promover processos de construção de conhecimento.” (VALENTE, 2013, p.37). Porquanto, embora estejamos imersos em contextos de pura conectividade e que estas tenham forte influências em como é estruturado o pensamento e tragam alterações significativas na forma como as sociedades se organizam, é relevante ter clareza de que a mediação humana é, ainda e será por muito tempo, bastante importante para a construção/consolidação de conhecimentos.

Diante do que estamos ponderando os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) possuem um papel importante na concepção e desenvolvimento de cursos online. Segundo Santos (2003 p. 148), “ambiente virtual é espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem potencializando assim, a construção de conhecimentos, logo, a aprendizagem”. Nos AVA atualmente temos a possibilidade de incrementar o processo de ensino-aprendizagem a partir da convergência das mídias (analógicas e digitais). Além disso, tais espaços são os meios mais apropriados para desenvolver as práticas da EOL e que hoje começam a integrar, muito timidamente, os elementos da ubiquidade, permitindo que o acesso a eles ocorra em qualquer espaço e a qualquer tempo.

Todavia, vale sinalizar que a EOL é diferente de Educação a Distância (EAD). Para alguns autores, esta última sofreu uma evolução ao longo da história e podemos dizer que, no Brasil, são cinco as gerações de EAD: a primeira, com enfoque nos cursos por correspondência; a segunda centrada nas mídias de massa; a terceira geração, que incorporou recursos das gerações anteriores e acrescentou o uso da computação e a quarta fase, que emerge a partir das múltiplas tecnologias que permitem interações síncronas e assíncronas entre os participantes. Por fim, a fase atual, na qual cada vez mais as TDIC são incorporadas aos AVA e as formas de interação e de acesso ao conhecimento são potencializadas. É o que se designa como Educação Online (EOL).

Com um entendimento totalmente oposto, Santos (2014) afirma que a EOL “não é apenas uma evolução das gerações da EAD, mas um fenômeno da cibercultura” (SANTOS, 2014, p. 56). Para a autora o que demarca o território da EAD é a separação física entre aprendizes e ensinantes, enquanto que, na EOL:



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

os sujeitos podem até encontrar-se geograficamente dispersos, entretanto, em potência estão juntos e próximos, compartilhando informações, conhecimentos, seus dispositivos e narrativas de formação a partir da mediação tecnológica das e com as interfaces e dispositivos de comunicação síncronas e assíncronas e de conteúdos hipertextuais disponíveis no ciberespaço a partir do AVA (SANTOS, 2014, p. 55-56).

Em consonância com o que sinaliza Santos (2014), acreditamos que vivenciamos tempos de cibercultura e na qual estamos totalmente imersos nos espaços híbridos. Dessa forma, são ressignificadas e ampliadas às noções de tempo e de espaço, permitindo que escola, família, trabalho e comunidade se imbriquem e desimbriquem ininterruptamente em um típico movimento desse contexto líquido em que estamos inseridos.

A EOL tem como característica uma multiplicidade de funções, por parte dos docentes que nela atuam. Não causa surpresa alguma, portanto, que haja um grande debate acadêmico em torno da nomenclatura usada para definir os docentes responsáveis pela mediação do processo de ensino-aprendizagem. Alguns autores usam os termos *tutor* ou *orientador* (NEDER e LITWIN.); outros preferem chamá-los de *docentes* ou *professores* (SILVA e SANTOS). Preto (2002), por exemplo, vê o termo *tutor* como inadequado, indo mais longe e propondo que esse profissional tenha o mesmo tratamento que o professor, já que ambos desempenham a mesma função. A opção, aqui, é considerá-los como docentes online, pois, entende-se que ambos desempenham um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, especialmente nesse período tão peculiar, no qual a sociedade está incluída.

O docente online é visto, segundo Silva, como o facilitador da aprendizagem e “de Pólo transmissor ele passa a agente provocador de situações, arquiteto de percursos, mobilizador da inteligência coletiva”. (SILVA, 2003, p. 73). Dessa forma, sua função não se restringe à tutela, proteção e defesa, mas, relaciona-se à orientação, facilitação e contribuição para a construção coletiva do conhecimento.

Os docentes online não podem desconsiderar que o mundo está mudando, que há uma profusão de novos saberes e que os alunos estão cada vez mais antenados, menos passivos e tendo o conhecimento, literalmente, na ponta dos seus dedos, passando, assim, a desempenharem o papel de agentes do seu aprender, autorizando-se, desse modo, a questionarem a ação docente, os conteúdos disponíveis, etc., ao mesmo tempo em que compartilham novos conhecimentos, que enriquecem o contexto educacional. Mas, esse novo caminho que se anuncia não deve ser trilhado desprevenidamente, cabendo, portanto, ao docente, agora inserido nesse recente contexto educacional, a imensa responsabilidade de fazer uma educação, cujo objetivo principal seja criar condições para que o saber seja construído e reconstruído cotidianamente.

Ao seu turno, o papel do docente frente às exigências de uma nova cultura da aprendizagem (POZO, 2002) deve ser o de facilitador do processo de ensino-aprendizagem, que necessita se valer dos benefícios do cenário digital em que estamos imersos e das inúmeras possibilidades que ele nos oferece. Associado a isso, precisamos considerar que é importante transformar uma visão de educação, antes centrada no professor, em uma nova perspectiva, cujo foco principal seja a construção social do conhecimento. Esse movimento, contudo, não pode ser visto como algo acabado, pronto, mas sim, como uma construção coletiva, onde se ensina e se aprende em conjunto e/ou simultaneamente, especialmente em cenários, nos quais os jovens possuem mais domínio das interfaces próprias da cibercultura.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi realizado com docentes online que trabalham em um curso de pós-graduação de uma universidade pública brasileira. Esse curso destina-se à formação de profissionais para atuação no campo da EAD, sendo oferecido quase que totalmente à distância, usando o AVA Moodle para a mediação online. Todavia, no projeto político pedagógico do curso está previsto dois encontros presenciais, a aula inaugural e o momento destinado à defesa do Trabalho Final de Curso (TFC). Os docentes online, sujeitos da pesquisa, são aqueles que orientam os alunos na elaboração do TFC. A opção por esses sujeitos decorreu do fato de que o componente curricular TFC tem a duração de 6



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Criulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

(seis) meses e prevê uma comunicação entre docentes e alunos bem mais acentuada. Além disso, devido ao tempo alargado do componente curricular, há maiores chances que relação professor-aluno tende a torna-se mais próxima.

Para responder às nossas inquietações, mesmo que parcialmente, foram enviados 30 questionários virtuais para os orientadores de TFC e obtivemos a resposta de 16 desses sujeitos. O questionário era composto de 8 (oito) questões (abertas e fechadas) que foram formuladas com o intuito de melhor compreendermos como os docentes online utilizam em suas práticas pedagógica cotidianas os artefatos próprios dos tempos de mobilidade e de ubiquidade e as suas percepções sobre esse uso. Cabe salientar que muitas dessas questões estavam subdivididas, gerando assim mais oportunidades para que os docentes discorressem sobre a temática do estudo. Para analisar os dados coletados adotamos a técnica de análise do conteúdo (BARDIN, 2014). Essa técnica mostrou-se adequada para o estudo em voga, pois possui duas funções: constatar se as hipóteses formuladas são corretas; e descobrir o que se encontra escondido atrás do conteúdo pronunciado. Estas duas funções não se excluem, sendo, portanto complementares.

4 A VOZ DOS DOCENTES – OS ACHADOS ENCONTRADOS

Os docentes online que compuseram o escopo da pesquisa trouxeram a tona alguns aspectos importantes para o estudo que estamos realizando. Os achados serão agora partilhados e discutidos com esperança de que lancem alguma luz para a inquietude que nos motivou a pesquisar essa temática e, quiçá, sirvam de inspiração para novos trabalhos.

4.1 Perfil dos Participantes

Os docentes que participaram da pesquisa, conforme os dados constantes na tabela 1 possuem o seguinte perfil no que tange ao gênero.

Gênero	Percentual
Feminino	52
Masculino	48

Tabela 1. Gênero dos Orientadores Online de TFC

Quanto ao tempo de experiência como orientador de TFC online, os dados são apresentados na tabela 2.

Tempo de Experiência	Percentual
Até 1 ano	0
Entre 1 ano e 2 anos	0
Entre 2 anos e 4 anos	34
Mais de 4 anos de experiência	66

Tabela 2. Tempo de Experiência como Orientador Online de TFC Online

4.2 Orientação online de TFC em tempos de mobilidade e ubiquidade

4.2.1. Equipamentos

Quando questionados sobre o uso, em suas práticas pedagógicas, dos dispositivos móveis, os dados são os seguintes:

Utilização dos dispositivos móveis	Percentual
Faz uso	67
Não faz uso	33

Tabela 3. Uso de dispositivos móveis pelos dos Orientadores Online de TFC

Os dados apontam que os orientadores de TFC online que utilizam em suas práticas pedagógicas os dispositivos móveis, usam aqueles que estão sinalizados na tabela 4. Cabe salientar, todavia, que embora houvesse nas opções de escolha outros dispositivos móveis, os sujeitos da pesquisa indicaram a utilização de somente dois.

Dispositivos Móveis	Percentual de uso
Notebook	50
Smartphone	50

Tabela 4. Dispositivos móveis usados pelos orientadores de TFC Online

4.2.2. Uso das Interfaces Comunicacionais disponíveis no AVA Moodle a partir dos dispositivos móveis

O AVA Moodle é dotado de várias interfaces comunicacionais que visam proporcionar a interação entre docentes e alunos. Quanto ao uso dessas interfaces comunicacionais, a partir dos dispositivos móveis, os dados são apresentados na tabela 5.

Uso das Interfaces Comunicacionais do AVA Moodle	Percentual de uso
Fórum	65
Quickmail	14
Tarefa	11
Chat	10

Tabela 5. Uso das Interfaces Comunicacionais existentes no AVA Moodle, a partir dos dispositivos móveis.

4.2.3 Uso das Interfaces Comunicacionais disponíveis fora do AVA Moodle a partir dos dispositivos móveis

O AVA Moodle dispõe de diversas interfaces comunicacionais, todavia, nos dias atuais temos visto crescer o quantitativo de aplicativos de comunicação para os dispositivos móveis. Os dados da tabela 6 evidenciam aqueles mais usados pelos orientadores online de TFC.

Uso das Interfaces Comunicacionais - fora do AVA Moodle	Percentual de uso
Whatsapp	58
Skype	32
Viber	4
MSN	4
Outros	2

Tabela 6. Uso das Interfaces Comunicacionais, fora do AVA Moodle, a partir dos dispositivos móveis.

4.2.4 Contributos da Mobilidade e Ubiquidade para a Orientação de TFC online



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

Os tempos de mobilidade e ubiquidade já são uma realidade em nossas histórias cotidianas e seguem, cada vez mais, produzindo novas dinâmicas comunicacionais que acabam por interferir em nossas vidas profissionais e pessoais. A pesquisa realizada indica que o uso dos artefatos tecnológicos próprios do momento atual da cibercultura podem ser potencializadores do processo ensino/aprendizagem que ocorre em contextos online. A seguir traremos alguns indícios significativos dos contributos que a mobilidade e a ubiquidade podem trazer à EOL, a partir do que fora ponderado pelos sujeitos da pesquisa.

4.2.4.1 Ressignificação da noção de tempo e espaço

“Proporcionar aos alunos a experiências de ter encontros síncronos com colegas e professores que estão em outros estados do Brasil, mas que naquela hora estão conectados via skype, para aprender e compartilhar o conhecimento é algo bastante rico.” Docente nº 7.

O relato do docente acima serve para evidenciar os avanços que a Internet produziu, e continuará produzindo, e que resultaram na reconfiguração da noção de tempo e espaço, seja nas atividades pessoais, como nas atividades profissionais. Hoje é corriqueiro que possamos nos comunicar, em tempo real, com as pessoas que estão geograficamente dispersas, mas que a partir das redes de conexão ubíqua estão virtualmente próximas (Santaella, 2013). Em sintonia com o que foi ponderado pelo Docente nº 7, Silva e Pinheiro (2015) depois de estudo realizado com jovens sobre o entendimento do conceito de coempreender, afirma que “a rede de comunicação ubíqua foi a grande responsável pela dinamização dessa comunidade de investigação, por favorecer a integração e o sentimento de pertença entre os participantes, as trocas, discussões temáticas e a elaboração conceitual.” (SILVA e PINHEIRO, 2015, P.66).

A EOL pode ser bastante beneficiada ao contemplar em seus projetos de cursos as inúmeras possibilidades abertas pelas redes de conexão ubíquas. Afinal, as tecnologias que estão disponíveis hoje podem dinamizar projetos de EOL que contemplem mais interação e colaboração. Todavia, é mister romper com os modelos limitadores de EAD que teimam em dar o tom nas diversas iniciativas promovidas pelas instituições de Ensino Superior, especialmente no Brasil.

4.2.4.2 Instantaneidade e rapidez nas comunicações

“O uso dos dispositivos móveis para a orientação de TFC pode facilitar a comunicação entre o mediador e os alunos com maior rapidez.” Docente nº 3.

Consoante com o que foi dito pelo docente nº 3, os estudos de Silva e Couto (2015) constaram que

Os professores enfatizaram que por meio do smartphone é possível manter-se constantemente conectados, viabilizando a agilidade no fluxo de comunicação e circulação de mensagens e informações, tornando esse processo mais dinâmico e instantâneo, por meio do acesso e compartilhamento em rede. Romper os limites temporais e espaciais e poder estar conectado em qualquer tempo e lugar são condições para viver integralmente a cultura digital. (SILVA E COUTO, 2015, p.127).

A velocidade que as coisas ocorrem nos dias atuais e o quanto as pessoas necessitam mostrar-se disponíveis, acessíveis a todo o momento são algumas das marcas da liquidez dos tempos modernos (Bauman, 2001). Todavia, a ponderação do docente online nº 3 sinaliza que se apropriar dessa dinâmica moderna na EOL pode ser proveitoso, afinal, para os alunos é importante dispor de respostas mais ágeis por parte dos docentes, amenizando o clima de solidão que alguns relatam no estudo online.

4.2.4.3 Utilização em contexto de mobilidade e melhor aproveitamento do tempo

“Sempre uso esses dispositivos em viagens, quando preciso levar meus pais em médicos ou hospitais. Aproveito os tempos de espera e vou acessando e orientando os alunos. Além



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

disso, acredito que há um significativo ganho para a educação quando podemos nos encontrar em espaços diferentes, mas em tempos digitais semelhantes.” Docente nº 7.

A ponderação do docente nº 7 mostra-se compatível com pesquisa realizada por Souza e Torres (2015) com professores e alunos de cursos online, na qual se verificou que “63% dos respondentes consideram a mobilidade a principal vantagem do uso dos dispositivos móveis.” (SOUZA e TORRES, 2015, p.4). Essa constatação vem corroborar com os pensamento de Santaella (2013) sobre a versatilidade que os dispositivos móveis possuem e o quanto são utilizados, no atual contexto, em situações de mobilidade e ubiquidade.

A fala do docente nº 7 é bastante significativa, estando em sintonia com a percepção, tão presente nos dias atuais, de que aos sujeitos é exigido que otimizem o seu tempo e tornem-se aqueles que realizam várias tarefas simultaneamente, os chamados Multitaskin, uma vez que essa forma de ação acaba por atender a tão famigerada urgência desses tempos. Entretanto, é importante considerar que embora a EOL pode, de forma geral, se beneficiar desse contexto tão próprio da mobilidade e ubiquidade, os docentes online precisam ter clareza da necessidade de conciliar as questões profissionais e pessoais, evitando, assim, que haja atropelos entre elas.

4.2.4.4 Possibilidade de se expressar oralmente e em tempo real

“Uso de skype pelo fato do aluno apresentar dificuldade no entendimento das orientações enviadas por escrito. Tive que detalhar minuciosamente cada etapa e o passo a passo para uma escrita mais coerente.” Docente nº 11.

Para compreendermos melhor a colocação do Docente nº 11, é relevante trazer as ideias de Willis (1996) para o debate, pois são bastante esclarecedoras.

A utilização da videoconferência na educação tem se mostrado eficaz pelos seguintes aspectos: permite o contato visual em tempo real entre alunos e professores ou entre alunos de diferentes locais; possibilita a utilização de diferentes meios como documentos escritos, vídeos, objetos de três dimensões para todos os pontos; permite a conexão entre especialistas de diferentes regiões; e também pode prover acesso a pessoas de pontos distantes (Willis, 1996, p. 23).

Embora o meio escrito seja o mais usualmente presente em diversos projetos de EOL, vê-se que mesclar a expressão escrita com a expressão oral pode ser um fator facilitador para as aprendizagens que ocorrem em contextos online. Cremos que uma das razões para que isso ocorra, seja devido à necessidade que os sujeitos possuem de ouvir a voz, ver as expressões faciais, visualizar os gestos dos seus interlocutores, especialmente aqueles que atuam na EOL, tanto na condição de alunos, como enquanto docentes.

4.2.5 Limitações da Mobilidade e Ubiquidade para a Orientação de TFC Online

A mobilidade e ubiquidade têm enormes contributos para a EOL, todavia, os docentes pesquisados partilharam alguns aspectos que indicam que estas também podem trazer limitações para a educação em contexto online.

4.2.5.1 Trabalho versus vida pessoal

“Meu trabalho é realizado em casa e por isso, acho importante impor disciplina pessoal e horário de trabalho. Se não dispusesse de tempo para o trabalho em casa, provavelmente, teria necessidade em usar dispositivos móveis, com objetivo de otimizar o meu trabalho.” Docente nº 2.

O docente online nº 2 demonstra a preocupação com o imbricamento da vida pessoal com a vida profissional, algo tão frequente no atual contexto que a cibercultura nos emergiu. Consideramos, conforme já sinalizado antes, que a mobilidade e ubiquidade são elementos que tem um grande potencial para EOL, sendo fundamental que as instituições ofertantes de cursos online considerem



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

estes elementos na constituição de seus projetos. Todavia, cabe ressaltar, que a preocupação do docente nº 2 é compreensível, pois é importante impor alguns limites ao seu exercício profissional. Quanto a isto, vimos, muito frequentemente no Brasil, uma crescente precarização do trabalho do docente online, que perpassa a questão salarial e também as condições de trabalho. (LAPA E PRETO, 2010).

4.2.5.2 Instantaneidade e rapidez nas comunicações

“Me incomoda bastante a instantaneidade imposta pelos dispositivos móveis.” Docente nº 2.

Já é sabido por todos nós que os dispositivos móveis impõem novos ritmos, rotinas, ações nas vidas cotidianas de uma parcela significativa da população mundial. Dia após dia tem sido cada vez mais difícil não sucumbir ao imediatismo imposto por os esses artefatos tecnológicos e por nós mesmo. Embora a instantaneidade e a rapidez nas comunicações sejam algumas das marcas do período que estamos vivenciando, podendo trazer valiosos contributos para a EOL, os professores que atuam nessa modalidade necessitam usar com parcimônia esses recursos, afinal, é importante gerenciar os aspectos profissionais e pessoais de forma que não haja desequilíbrio entre eles.

4.2.5.3 Usabilidade Técnica

“Algumas interfaces são muito pesadas e, conseqüentemente, o acesso fica prejudicado. Alguns dispositivos não dispõem de editor de textos, o que dificulta a realização de algumas atividades.” Docente nº 5.

Os pesquisadores e desenvolvedores dos AVA buscam, de forma incessante, tornar os espaços digitais de aprendizagem mais reponsivos, ou seja, tentam fazer com que a tela do AVA se adeque melhor aos dispositivos móveis. Além disso, preocupam-se em integrar novos plugins a fim de deixar os AVA em sintonia com o avanços digitais próprios da era da cibercultura. Entretanto, ainda são comuns as queixas dos usuários, conforme a sinalizada acima pelo Docente nº 5, sendo necessárias mais pesquisas e investimentos para que os AVA e as interfaces comunicacionais melhorem sua usabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivendo sob a égide da Cibercultura, em que novos artefatos culturais invadem o nosso cotidiano, permitindo que, ao toque dos dedos possamos acessar as redes sociais, ler os jornais diários, ver vídeos, compartilhar informações ao mesmo tempo em que caminhamos para o trabalho. Estamos em plena Era da Ubiquidade.

São esses cenários multifacetados que impõe a EOL a urgência de se reinventar, de traçar diferentes estratégias de atuação, de incorporar novos artefatos digitais para incrementar o processo ensino/aprendizagem. Afinal, o contexto da mobilidade traz consigo imensas possibilidades, sendo uma delas a aprendizagem ubíqua, que permite ampliar os espaços de aprendizagem, com isso mesmo estando fora do contexto formal de educação, continua-se a aprender.

A partir do estudo realizado podemos constatar que os artefatos tecnológicos, próprios do momento atual da cibercultura, estão sendo incorporados pelos docentes online em suas práticas pedagógicas. Essa incorporação tem potencializado as aprendizagens e auxiliado, professores e alunos, em seus percursos formativos, principalmente pela agilidade comunicacional fornecida pelos dispositivos móveis. Além disso, as redes de conexão ubíquas são apontadas pelos sujeitos da pesquisa como grandes propulsoras para as aprendizagens sem fronteiras, uma vez que experienciar momentos de ubiquidade tem se mostrado algo bastante promissor para EOL. Salienta-se, todavia, que há algumas limitações da utilização desses artefatos no contexto da docência online, como por exemplo, as questões de ordem técnica. Essas limitações devem ser levadas em consideração no



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Criulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

planejamento de cursos online e os gestores, em diálogo com os docentes online, necessitam encontrar mecanismos para superá-las. Ressalta-se, também, por ser esse um campo relativamente recente é necessário mais pesquisas para um melhor entendimento dessa problemática.

Para finalizar trazemos uma reflexão da Professora Lúcia Santaella sobre o potencial que a EOL tem hoje a seu dispor: “Os recursos móveis oferecem conectividade individualizada e personalizada. Essa conectividade também intensifica a colaboração em tempo real ou a interatividade instantânea, que podem permitir melhores tomadas de decisão”. (SANTAELLA, 2013, p. 238)

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M.E.B (2013). O computador portátil e a inovação educativa: das intenções à realidade. In: Almeida. M. E., Dias, P. & Silva, B. Cenários para a inovação para a educação na sociedade digital. São Paulo: Loyola, (pp 22-34).
- ALVES, A. C. T. P. (2007). EaD e a formação de formadores. In: VALENTE, J. A. e ALMEIDA, M. E. B. de (orgs.) Formação de educadores a distância e integração de mídias. São Paulo: Avercamp.
- BARRETO, R.G. (2005). Professores/professoras e a tecnologia: sobre trabalho e formação docente. In: III Seminário Internacional As redes de conhecimentos e a tecnologia, 2005, Rio de Janeiro. III Seminário Internacional as redes de conhecimentos e a tecnologia.
- BAUMAN, Z. (2001) Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BELLONI, M. L. (2003). Educação a distância. Campinas, SP: Autores Associados.
- CASTELLES, M (2002). A sociedade em rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, M. J.; SILVA, B & DIAS, P. (1998). A internet no apoio à realização de trabalhos de grupo: uma experiência no ensino superior. In Almeida, Leandro; Gomes Maria J.; Albuquerque, Pedro; Caires, Susana (eds.). Actas do IV Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, (pp.404-414).
- JONASSEN, D. (1999). O uso das novas tecnologias na educação a distância e aprendizagem construtiva. Em Aberto. Brasília : ano 16, nº 70, abril/jun, (pp. 70-88)
- LAPA, A. & PRETTO, N.L. (2010). Educação a distância e precarização do trabalho docente. In: Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 84, (p.p 79-97) LÉVY, P. (1999). Cibercultura. São Paulo.
- LITWIN, E. (2001). A Educação a Distância, temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Editora ARTMED.
- O'REILLY, T. (2005) What is web 2.0 - design patterns and business models for the next generation of software. Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.
- PALLOFF, R. M. & PRATT, K. (2002) Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço. Porto Alegre: Artmed.



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UnicV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

- POZO, J. I. (2002) *Aprendizes e mestres. Uma nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- PRETTO, N. & BONILLA, M. H. (2008) *Construindo redes colaborativas para a educação*. Disponível em: https://blog.ufba.br/nlpretto/files/2009/11/ucp_nelsonmariahelena.pdf Acesso em 29 de janeiro de 2017.
- SANTAELLA, L. (2013) *Desafios da ubiquidade para a educação*. Revista Ensino Superior Unicamp.
- _____. (2004) *Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus.
- SANTOS, E; & A. WEBER. (2013) *Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática*. Revista Diálogo Educacional, vol. 13, núm. 38, (pp. 285-303). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná, Brasil.
- SANTOS. E. (2003) *Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livre, plurais e gratuitas*. In: Revista FAEBA, v.12, no. 18. Disponível em <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/ava.pdf> Acesso em 20 de janeiro de 2017.
- _____. (2009) *Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura*. In: X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, 2009, Braga-PT. Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.
- _____. (2014). *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santos Tirso: Whitebooks.
- _____. (2012). *Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o Twitter*. Com Ciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.
- SILVA, A.E.D.C & COUTO, E.S (2015). *Cultura da mobilidade: relações de professores com o smartphone*. In C.Porto et al. *Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes*, Salvador: Edufba, (pp 121-142)
- SILVA, B. & SOUZA, K. (2015) *Redes de Comunicação ubíqua e coinvestigação: relato de uma experiência no âmbito do coentender*. In: VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação, RJ.
- SOUZA, V.M.L. & TORRES, B.A (2015). *Educação a distância: a quebra do paradigma a partir do olhar sobre a mobilidade e a ubiquidade*. In: VI Seminário Mídias & Educação do Colégio Pedro II: “Dispositivos Móveis e Educação” Número 1.
- UNESCO (2014). *Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel*. Acesso em 17 de set de 2015, disponível em Representação da UNESCO no Brasil: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>
- WILLIS, B. (1996). *Distance Education at a Glance. Series of Guides Prepared by Engineering Outreach at the University of Idaho*. Disponível em: <http://www.uidaho.edu/evo/distgfan.html>. Acesso em: 25 nov. 2016.



III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade

UniCV - Cidade de Praia, Cabo Verde - 6 e 7 de julho de 2017

This article reports research developed within the PhD Program Technology Enhanced Learning and Societal Challenges, funded by Fundação para a Ciência e Tecnologia, FCT I. P. – Portugal, under contracts # PD/00173/2014 and # PD/BI 128229/2016



FCT PhD PROGRAMMES